

Para citar esse documento:

ELKIS, Ilana Cunha. Musa: em busca do encantamento em tempos pandêmicos. *Anais do 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança – 2ª Edição Virtual*. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2021. p. 2185-2189.

Anda
www.portalanda.org.br

Musa: em busca do encantamento em tempos pandêmicos

Ilana Cunha Elkis (ECA/SP)

Relatos de Experiência com ou sem demonstração artística

Resumo: Este relato tem como objetivo apresentar a pesquisa em dança nomeada *Musa*, realizada pelo Núcleo Artístico BOIA (SP) em 2021, durante à crise sanitária da Covid-19. Pretende-se aqui descrever as adaptações necessárias para à continuidade do trabalho em modo virtual, através da plataforma *Zoom*. A palavra *musa* tem muitos significados, ela dá origem ao substantivo *museu* e ao verbo *amusement*, pelo qual sua tradução mais próxima à língua portuguesa seria o verbo *encantar*. Para tanto, *Musa* se propõe a discutir imagens e coreografias, entendidas como femininas, que se comprometem ao encantamento. Concomitante a isto, se busca descrever como a prática artística na plataforma virtual se desenrolou, utilizando suas ferramentas audiovisuais, assim como a pesquisa específica em dança se adaptou.

Palavras-chave: CORPO. ESCULTURA. IMAGEM. VIRTUALIDADE. ZOOM-SPECIFIC

Abstract: This report has the objective of presenting a dance research named *Musa*, work of the BOIA, a dance nucleus in São Paulo, through the period of the year 2021, during the Covid-19 pandemic. Here we will describe the adaptations required to continue the work virtually using the *Zoom* platform. The word *Muse* has many meanings, it originates the substantive *museum* and the verb *amusement*. Therefore, *Musa* proposes a discussion about images and choreographies titled as female performances. Concomitant with that, a description of how the artistic practice enrolled it self with the virtual platform and its tools, adding up with an update of it's specific work in dance.

Keywords: BODY.SCULPTURE. IMAGE. VIRTUAL. ZOMM-SPECIFIC.

Este relato de experiência tem como objetivo descrever a adaptação da pesquisa em dança *Musa* para o modo virtual durante o período de crise sanitária da Covid-19, entre os anos de 2020, e realizado pelo Núcleo Artístico Ilana Elkis + BOIA, grupo de pesquisa em dança sediado na cidade de São Paulo, dirigido e produzido por Ilana Elkis.

Antes da pandemia este trabalho tinha seu ponto de partida em um corpo que nomeamos durante a pesquisa em estúdio como corpo-escultura, na tentativa de estabiliza-lo para estudá-lo através de uma prática investigativa de apoios,

2185

transferência de peso e pausas longas, entre fluências controlada e contínua do movimento. Esta pesquisa, realizada pelas performers (Gabi Rios, Mari Taques, Michelle Farias e Luma Preto) era locada em cima de bases de madeira, que representavam as bases de esculturas e monumentos, locais que elevavam a obra de arte para ser vista por diversas perspectivas.

Para somar à essa prática, o estudo sistemático de obras tridimensionais da antiguidade à contemporaneidade nos apoiou, como por exemplo, as estátuas gregas das Musas, as esculturas de Rodin e as de Sarah Lucas. Esta última, nos apontava perspectivas feministas-críticas em relação a representação do feminino, o que nos trouxe através de seus *ready-mades*, que compõem corpos com peles e peitos que despencam, qualidades escultóricas outras, e atualizadas às discussões acerca das representações do feminino em nosso tempo.

Como desde o princípio, se pretendia colocar o espectador como um observador capaz de observar esses corpos-esculturas, percorrendo 360° ao redor dos mesmos, imaginávamos esse trabalho de dança sendo realizado em um espaço não-convencional à dança, como por exemplo na Caixa Branca, no Museu, e não na Caixa Preta.

Vale lembrar, que a palavra Musa tem muitos significados, ela dá origem ao substantivo museu, um dos locais não convencionais à dança e nos quais a dança Paulistana vem cada vez mais “ocupando”. Uma prática capaz de potencializar pesquisas, quando seu contexto/espço/lugar está implicado no processo, mas que também pode implicar em uma reprodução de modelos hegemônicos, assim como o sucateamento do trabalho do artista. Mesmo que este aspecto não esteja diretamente ligado ao escopo deste relato, é importante ressaltar que é uma questão que atravessa essa pesquisa também. Seguindo.

O verbo *amusement*, na língua inglesa é outro derivado da palavra Musa, no qual a tradução mais próxima à língua portuguesa seria encantamento... Agora... em Março de 2020, essa pesquisa se interrompe. Pandemia.

Pausa.

Retomamos à pesquisa através da plataforma Zoom, no segundo semestre de 2020, e em seguida fomos contempladas pela Lei Emergencial Aldir Blanc com a qual realizamos o Lab. Tricheira, mais ensaios semanais e duas aberturas de processo ao público. Todas através da plataforma, em modo ao vivo, ou seja, captação e transmissão em tempo real.

A mudança do formato de apresentação presencial em dança, para um não-presencial e virtual foi necessária para a adaptação deste trabalho, assim como os assuntos e as práticas que os norteavam se articularam também às mudanças. Passamos a estudar imagens bidimensionais, ao invés, de esculturas tridimensionais com volumes. As situações de corpo estudadas partiam agora de um enquadramento, um proscênio da tela do computador. As camas das casas viraram as bases dessas musas, que agora intocáveis, mais do que nunca, faziam o exercício de encantar através das câmeras de seus celulares e computadores.

Enquadramentos em busca de profundidade através de linhas de perspectiva, como as grandes pinturas renascentistas ao fundo dos palcos italianos nos edifícios teatrais, estavam de volta. Lençóis brancos e camisetas brancas, entraram aqui como elementos que traziam a qualidade neutra e asséptica de um museu. O lugar e não-lugar imaginado para apresentar este trabalho.

Em seguida, retomamos a pergunta, atualizando-a através da seguinte forma: *Como encantar através da imagem bidimensional?* Uma questão que foi se desdobrando em respostas através de instruções faladas e estudos de composição fotográficas. A relação do corpo das intérpretes com a câmera em uma busca cansativa de achar os melhores ângulos e melhores situações de corpo para encantar, fizeram desencadear estados que nomeamos como presenças plastificadas de um corpo *self* midiático.

Para abertura de processo, coreografamos uma sequência de ações em imagens, pelas quais marcamos os tempos de duração para cada uma. Os pontos de vista pelos quais o público iria vê-las, assim como a disposição dos quadrados na tela do computador, foram definidos anteriormente, a partir da composição de duetos e quartetos, propondo sempre uma simetria entre os quadrados da tela.

Na primeira cena, começava com algumas intérpretes em cima de suas camas, enquanto o público ia entrando na sala virtual, onde a produção explicava como usar ferramentas da plataforma Zoom, para ter uma boa experiência deste trabalho *on-line*. Com todas as câmeras e microfones desligados, exceto quatro câmeras posicionadas em plano *plongéé*, com a vista de cima, o trabalho começava. Este plano cinematográfico, foi escolhido para o espectador iniciar a experiência a partir de um ponto de vista acima do objeto corpo-escultura oferecendo-lhe uma possibilidade similar ao *voyerismo*.

Com tudo, percebemos que o trabalho se tratava da produção de imagens e a desestabilizações delas em uma experiência híbrida entre dança e tecnologia audiovisual, mas diferente de uma videodança, e sim uma coreografia *zoom-specific*. Onde as intérpretes hora aparecem em plano detalhe trazendo o foco aos movimentos de suas mãos, hora em plano geral para evidenciar o corpo em relação com seu entorno. Em meio a isso, ligam e desligam o botão da câmera, conforme quanto tempo ficou estabelecido para aquela imagem durar.

Percebemos que nessa prática híbrida, o corpo que dança começa a realizar ações jamais realizadas, que implicam comandar aparatos tecnológicos para completar seu processo de comunicação. Assim sendo, as ações como: perceber apoios, realizar rolamentos, fazer transferência de peso sobre uma superfície, aspectos que cerceiam a busca para o encantamento de outrem do outro lado da tela, se misturam com ações como ligar e desligar os botões e reposicionar a câmera o tempo todo.

Ilana Cunha Elkis
 ECA-USP
 elkisilana@gmail.com

Ilana Elkis é artista da dança e desenvolve trabalhos de pesquisa em dança desde 2010. Tem Licenciatura e Bacharelado em Dança e Movimento pela Universidade Anhembi Morumbi. Realizou mestrado nas Artes da Cena na Universidade Estadual de São Paulo, USP. Sua dissertação, nomeada "Entre Lugares" discute as práticas de dança fora da caixa cênica e teve orientação de Prof. Dr. Ferdinando Martins.

Referências

- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: Introdução a uma antropologia da modernidade. Tradução: Maria Lúcia Pereira. 9. ed. Campinas: Papius, 2012.
- BASTOS, Helena. **Corpo e Cidade**: Moveres entre aproximações e distanciamentos. São Paulo: Cooperativa Paulista de Dança, 2015.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo. Fatos e Mitos**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
- BISHOP, Claire. Caixa Preta, cubo branco, zona cinzenta: exposições de dança e a atenção do público. Bryan-Wilson, J. e Ardui, O. **Histórias da Dança**: Vol. 2. Antologia. São Paulo. MASP, 2020.
- BUTTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.
- ELKIS, Ilana **Entre Lugares**. 80 f. 2020. Dissertação (Mestrado- Teoria e Prática do Teatro), Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, SP, 2020.
- GREINNER, Christine. **O Corpo**: Pistas para estudos indisciplinados. 3. Ed. São Paulo, Annablume, 2008.

KRAUSS, Rosalind. **A escultura no campo ampliado**. Tradução: Elizabeth Carbone Baez. Gávea, revista semestral do Curso de Especialização em História da Artes no Brasil, Rio de Janeiro: PUC-Rio, n.1, 1984.

KWON, M. Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity. Tradução: Jorge Menna Barreto. **Revista Arte & Ensaios** n. 17, EBA/UFRJ, 2009.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. Tradução: Maria Silvia Mourão Netto e Anna Maria Barros de Vechhi. 5. Ed. São Paulo: Summus, 1978.

WARK, Jayne. **Radical Gestures: Feminism and Performance Art in North America**. McGill-Queens University. Ithaca. 2006.

YOUTUBE.COM. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c1lmm-9NVmw&t=30s> Acesso em: 11 de Jul. 2021. **MUSA em busca do encantamento (trecho do trabalho)**. Veiculado em: 11 de Jun. 2021. Dur. 4m57s.